



José Pereira passa a vida nesse cemitério. Acha que as pessoas ficam tão preocupadas que não têm tempo de chorar ou sentir dor

Metade dos brasilienses não chora nos enterros. Quem diz é o coveiro

"Eu lembro que, quando cheguei na cidade, em janeiro de 62, o povo era tão frio e tão ocupado que eu me espantei, pois na terra onde eu vivia, uma cidadezinha da Paraíba, chamada Alagoas Grandes, nunca tinha visto tamanha agitação". José Pereira da Silva, de 49 anos, é coveiro e só em Brasília veio notar que mais da metade das pessoas que conheceu não chora nos enterros nem parece demonstrar, sentir alguma dor. "Elas sempre me deram a impressão de estarem sempre muito preocupadas com outras coisas e não terem tempo para chorar ou sentir qualquer coisa".

Um ponto ele acha bastante compensador na cidade: é a facilidade que se tem para arranjar emprego, principalmente em indústrias do setor de construção". Reclamou ainda das estradas que "são horríveis e quem mora

longe, chega atrasado ao serviço. Quem mora longe como eu e trabalha num horário quase que integral aqui no cemitério, é meio difícil chegar em tempo, principalmente com essas empresas de ônibus que não dão a menor segurança a quem quer que seja".

Quanto ao custo de vida, ele não vê muita diferença pelo menos em comparação com outras cidades, uma vez que todos, ou a maioria dos produtos aqui consumidos têm que vir de fora o que encarece a mercadoria. "Em todo canto é assim, a vida é cara para quem não pode pagar o que ela pede, e desse jeito nós não temos alternativa pois não há como apelar para outros locais onde tudo seja mais barato, ou há?"

Vendo a cidade no decorrer desses últimos anos, José Pereira da Silva não

crê que tenha havido muitas mudanças pois a não ser no maior número de edifícios que apareceram e das ruas alfaltadas, nada mais pode ser notado de grande importância. "Com o passar do tempo, acho que o que estiver errado se ajeita, e eu espero que pelo menos os transportes sejam melhorados ou então as estradas".

No entanto, apesar de todo o crescimento que se verificou na cidade, José ainda continua achando sua Alagoas Grande bem mais acolhedora, com um povo muito mais alegre, despreocupado "mesmo apesar de toda a pobreza da minha região". As pessoas de Brasília, deveriam ser "mais contentes e fazer com que a cidade também losse, e que tivesse aquela alegria que eu aprendi a gostar desde que comecei a falar e ver as coisas".